

RF

CRISE PORTUGUESES NA ÁFRICA DO SUL

# Governo deu bofetada na comunidade portuguesa

Padre Carlos Gabriel diz ao DN que embaixador em Pretória colocou-se «num pedestal»

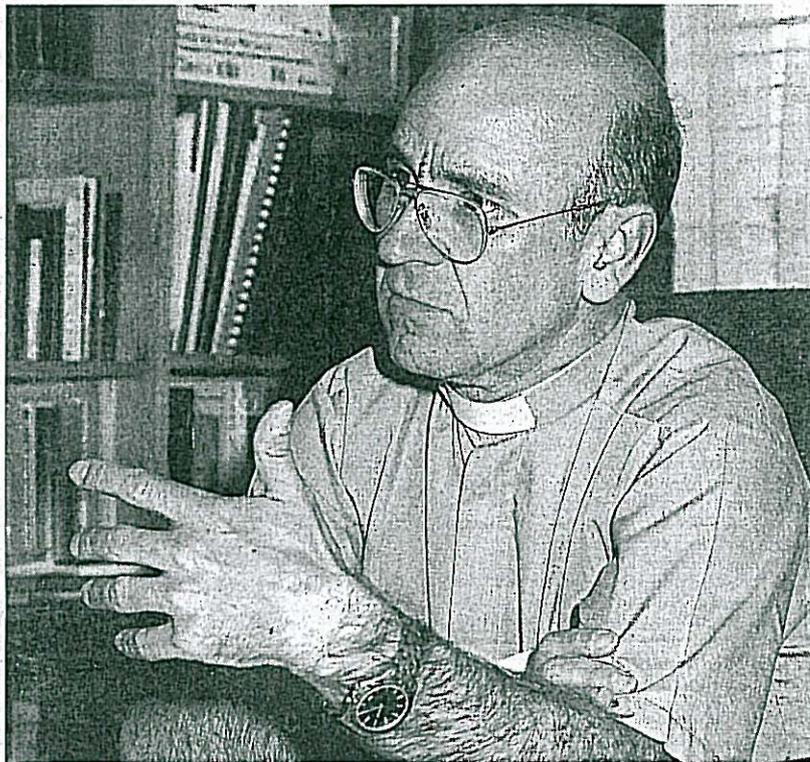
O padre Carlos Gabriel, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima de Benóni, perto de Joanesburgo, afirma ao DN que não está arrependido de ter promovido a marcha contra a criminalidade que desencadeou toda a polémica em torno da comunidade portuguesa.

ter em conta que havia muitos negros na marcha que também protestavam contra o crime. Esperava outra reacção do embaixador português?

Claro. O embaixador devia, em primeiro lugar, ter-se informado melhor sobre o que é que se estava a fazer. Depois, devia ter tido uma atitude mais virada para o serviço da comunidade, em vez de se colocar num pedestal em que decide ignorar a comunidade para dar ouvidos a um grupinho de gente.

E do Governo português? Tiveram uma posição muito fraquinha, parece que não quiseram arranjar conflitos com o Governo sul-africano. Talvez porque têm receio que seja expulso mais um embaixador tentaram solucionar a crise com paninhos quentes. Então não confia numa política mais serena para este caso? Não confio em políticas nem em políticos. Mas o Governo português - que sempre deu muito pouca importância aos emigrantes, em especial aos da África do Sul - podia ter a coragem de questionar o Governo sul-africano de cada vez que há um incidente de violência neste país. Que razões estarão na origem desta posição?

Antes de mais, o desconhecimento. E a melhor prova disso foi a medalha de mérito do Governo português entregue ao comissário da Polícia pelo novo secretário de Estado das Comunidades, na sua visita recente. Fazer isto quando os portugueses continuam a ser barbaramente mortos pela violência não faz sentido. Foi uma bofetada que o Governo deu em todas essas pessoas. Como definiria o desempenho do Governo? Assumiu um papel subserviente durante toda esta crise.



POLEMICA. «Governo português teve posição muito fraquinha, parece que não quis arranjar conflitos com Pretória»

Está arrependido do que fez? A única coisa que admito que devia ter feito de outra maneira prende-se com a linguagem utilizada no memorando, que é muito dura. Mas o conteúdo é de desafio. Se não tivesse sido feita assim não teria dado resultado. «Corrupção» e «incompetência» não são acusações muito graves? Esse tipo de acusações está nos jornais todos os dias. Além disso, não acho que os Governos não possam ser criticados. Estamos num país democrático. As acusações do ministro são excessivas? Sem dúvida. O ministro tentou desviar as atenções daquilo que o memorando denunciava - a questão do crime - para problemas políticos, como o racismo e o apartheid. A questão do crime só aparece para dizer que na altura do apartheid a maioria negra sofreu muito mais que a actual minoria branca. E isso é verdade? Águas passadas não movem moínhos. É preciso andar para a frente e, além disso, o ministro deve

A criminalidade levou muitos portugueses a abandonar o país. O agravamento da situação precipitará o fim da comunidade? Não, pois os luso-descendentes, os que nasceram aqui, têm muito pouca relação com Portugal. Acreditou que as ameaças do ANC podiam concretizar-se em mais actos de violência? Eram ameaças veladas, por isso, acredito que é mais propaganda do que outra coisa. Parece-me que só querem fazer barulho. Se a marcha não teve consequências desse género também não vão ser as palavras do ministro que terão. O que não significa que a situação se altere. Aliás, não acredito que a situação vá melhorar. Está a preparar uma resposta ao ministro da Segurança? Vamos dizer-lhe, ainda esta semana, que as suas acusações não são correctas e que se há alguma coisa que queremos fazer é colaborar com o Governo. Num tom diferente? Em tom conciliatório, porque ele tem de perceber que nós não somos inimigos. Concorda que o que está na base

desta posição política é o medo de ver regressar tanta gente? É bem possível. O dr. Alberto João Jardim esteve aqui em 1999 e disse, em alto e bom som, que a situação da África do Sul ia ficar melhor e que, por isso, não era preciso pensar em voltar para a Madeira. O que até se compreende porque o grupo de madeirenses aqui é enorme. Até se diz, por graça, que se voltassem todos a ilha afundava-se. O Governo sul-africano não se devia preocupar com o facto de os portugueses empregarem tanta gente? Não têm essa preocupação, porque acham que se eles não forem empregados deles serão de outros patrões. E enganam-se? Uma coisa é certa. Se os portugueses fechassem todas as lojas criavam uma situação económica muito difícil. Sente o apoio da Igreja? Directo. A carta de apoio da Obra Católica Portuguesa de migrações é inequívoca. Fala-se num memorando inicial muito mais forte que só terá sido

alterado por pressão do bispo local. Confirma? Foi retirada, unicamente, a questão da pena de morte e com a qual eu também não concordava. Mas há outras coisas. Adjectivos, acusações, exigências. Até conselhos políticos. Houve mais alguns reparos. Porque é que, antes da marcha, não quis mostrar o texto que ia entregar ao ministro? Isso reconheço que devia ter feito. Tinha noção que isto podia gerar um problema tão grande? Imaginava que isto ia dar motivo para discussão. Aceita a acusação de ter sido manobrado em todo este processo? Essas acusações são do Embaixador e não fazem sentido. Não fui manobrado e a prova é que subscrevo tudo o que ficou escrito. Que méritos teve? A marcha e o memorando conseguiram pôr o crime na agenda nacional e internacionalmente. Sente-se acompanhado? Por aquilo que me têm dito e pelas mensagens que ainda recebo, simto.